

## SENTIDOS E DERIVAS EM COMPOSIÇÕES VISUAIS

Liliane Souza dos Anjos<sup>1</sup>

### Resumo:

*Neste artigo, procuro dar visibilidade ao processo discursivo presente em duas composições visuais: uma cena prototípica que concentra o já-visto, engessando sentidos a respeito do sistema carcerário brasileiro, outra, um recorte significativo de filmagem feita pelos presidiários comemorando a rebelião do Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj), Manaus. Pelo dispositivo teórico da Análise de Discurso é possível compreender como, em situações-limite, nas quais a vida encontra-se ameaçada, as relações sociais são postas em xeque e os sujeitos são capazes de gestos em alternativa à estabilidade inequívoca no/do social, mexendo com os sentidos e com o que é sentido pelo sujeito. Na textualização desses movimentos, a mídia tem papel crucial.*

**Palavras-chave:** Imagem; Deriva; Mídia; Sentidos.

### Abstract:

*In this paper, I seek to give visibility to the discursive process present in two visual compositions: a prototypical scene that concentrates the already-seen, embodying meanings about the Brazilian prison system, and another, a significant filming cut by inmates commemorating the Prison Complex rebellion Anísio Jobim (Compaj), Manaus. By the theoretical device of Discourse Analysis it is possible to understand how, in this situations, in which life is threatened, the social relations are put in check and the subjects are capable of gestures in alternative to the unequivocal stability in the social, stirring with the senses and what is felt by the subject. In the textualization of these movements, the media plays a crucial role.*

**Keywords:** Image; Drift; Media; Senses.

### 1. Paráfrase → demanda

A reflexão sobre a cadeia significante em funcionamento na imagem requer uma compreensão a respeito da variação e identidade de seus elementos. Isso nos faz pensar sobre os procedimentos analíticos capazes de relacionar tais elementos entre

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia e bacharel em Comunicação Social pelo Centro Universitário Jorge Amado. É também especialista em Comunicação Organizacional, atuando como membro do grupo de Pesquisa "O Discurso nas fronteiras do Social", liderado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzy Lagazzi, na Unicamp, onde também é doutoranda do programa de pós-graduação na em Linguística. Contato: [lilianesouzaanjos@gmail.com](mailto:lilianesouzaanjos@gmail.com).

si – em sua estrutura e afetados pela história – levando à compreensão dos movimentos de sentidos na imagem. As preocupações iniciais de M. Pêcheux para a Análise de Discurso servem de aporte para a referida compreensão, sobretudo quando ele toma a noção de leitura como uma das condições cruciais no estabelecimento das posições teórico-metodológicas da AD.

Sabemos que Pêcheux (2009) recusa a ideia de que a leitura de um texto é uma tomada de informação. Para ele, na análise discursiva do texto, o sentido se faz sempre em *relação a*. Cerca-se, então, o sentido de uma “sequência” por meio de suas possibilidades de substituição, comutação e paráfrase. É a essa última que ele, juntamente com J. Léon (2012), dedica uma atenção especial, identificando-a como um ponto onde a discursividade estaria diretamente ligada à sintaxe, pensando numa espécie de demanda, uma imposição de alguma forma de “aproximação de duas estruturas suscetíveis de uma paráfrase sintática” (PÊCHEUX; LÉON, 2012, p. 168). Ao permitir aproximar estruturas sem fazer apelo de imediato ao sentido, as paráfrases sintáticas ultrapassariam a problemática puramente linguística para acessar a produção discursiva do sentido. Elas colocariam em *relação* duas “sequências cujo conteúdo lexical é idêntico e onde a variação se situa no nível da estrutura sintática” (PÊCHEUX; LÉON, 2012, p. 169).

A questão colocada pelos autores é que nem sempre a identidade lexical se traduz em equivalência semântica. Há diferenças de sentido que variam de acordo com a paráfrase em questão. De maneira geral, são os resultados das paráfrases que ganham relevo, ao recuperar as variações de sentidos entre as sequências reagrupadas. A identidade de tais sequências, portanto, seria constantemente ameaçada pelo que os autores chamarão de *espelhamentos* (paráfrases sintáticas) e pela *deriva* (variação lexical entre sequências de estruturas sintáticas fixas). Aliás, seria essa ameaça à identidade o que haveria de mais instigante, a ponto de fazê-los considerar *aquilo que escapa* à repetição do mesmo como sendo tão ou mais interessante do ponto de vista da produção discursiva do sentido.

Essas considerações podem oferecer condições para perguntarmos sobre o lugar da imagem na análise discursiva. O que a *leitura* de uma formulação imagética demanda ao analista? Como pensar a relação entre os elementos composicionais da/na imagem? Que elementos, afinal, seriam esses? Em seus investimentos teórico-metodológicos, S. Lagazzi trouxe alguns caminhos para a compreensão da imagem

como *materialidade significativa*<sup>2</sup>, atribuindo a devida importância ao procedimento parafrástico na descrição analítica a fim de colocar a estrutura em relação a outras possibilidades de estrutura na história<sup>3</sup>.

Suas análises vêm nos mostrando que o impacto de uma formulação visual no analista pode e deve convocá-lo a aproximá-la de outra(s) formulação(ões) visual(ais). E não poucas vezes, essas imagens nos capturam por formularem sentidos no social, convocando um trabalho de interpretação sobre determinados sentidos postos em evidência. É dessa forma que a rebelião no Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj), no início de 2017, se apresentou para mim.

Pelo dispositivo teórico da Análise de Discurso materialista, posso confrontar diferentes gestos de interpretação em torno desse acontecimento, questionando os efeitos de sentidos em composições visuais (e a partir delas) reagrupadas por paráfrase e relacionadas pela contradição. Como resultado desse procedimento, proponho trazer ao debate diferentes discursivizações do sujeito no social, que deslocam sentidos e sentimentos falseados em reações legítimas verbalizadas por alguns dos presidiários e por parte do público leitor das matérias jornalísticas analisadas, sob a forma de comentários de internautas. Com isso, tenho a possibilidade de refletir sobre os movimentos do “sentido” e de sentidos, deslocando esse termo para uma dupla acepção: “sentido” como significação, e “sentido” como efeito de sentir, a partir do deslizamento de elementos da cadeia significativa da primeira para a segunda composição visual.

## 2. Noticiado → Noticiador



Figura 1: Presídio de Águas Lindas, em Goiás, em 2009. Foto: Antonio Cruz/ABR

<sup>2</sup> Referindo-se ao discurso como a relação entre a materialidade significativa e a história, S. Lagazzi (2010) amplia seu escopo analítico em trabalhos que abordam diferentes materialidades, sempre reiterando “a importância de tomar o sentido como efeito de um trabalho simbólico sobre a cadeia significativa, na história, compreendendo a materialidade como o modo significativo pelo qual o sentido se formula” (LAGAZZI, 2010, p. 173).

<sup>3</sup> Já em 1972, em seu texto “Em que se pode reconhecer o estruturalismo”, Deleuze havia dado indícios de que é possível pensarmos a linguagem não-verbal a partir de sua estrutura, afinal, segundo ele “só há estrutura daquilo que é linguagem” (p. 240)



Figura 2: Mortos na chacina do presídio de Manaus. Reprodução/YouTube

Manaus, 3 de janeiro de 2017. Imagens da rebelião no Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj) são materializadas nos televisores e principais *sites* de notícias por todo o país e no mundo. Na quantificação de mortos (cinquenta e seis) e fugitivos (duzentos), tem-se o acontecimento cujos critérios de noticiabilidade<sup>4</sup> foram minimamente atendidos. Nenhum detalhe transparece perdido. As reações dos familiares dos presos, de órgãos de Direitos Humanos, do Presidente da República, do Ministro da Justiça, a dos próprios presidiários, todas juntas remetem a um aparente bloco de conteúdo (fotografias, infográficos, retrospectiva do sistema carcerário no país) que satura o público como se tudo já estivesse sendo dito/noticiado, incapaz, todavia, de afastar os equívocos no espaço da cobertura jornalística.

Nem a profusão de imagens ligadas à rebelião foi capaz de mitigar *aquilo que escapa* à aparente mesmice das informações. Por isso mesmo, entre as imagens que compõem as notícias em torno do tema, duas são tomadas a partir de sua exposição ao equívoco: uma que considero *cena prototípica*, pela noção de Lagazzi (2014, 2015), por tratar-se de uma cena domesticadora da interpretação, presidiários encarcerados em celas superlotadas, exemplar que concentra o já-visto; e outra que se traduz em um recorte significativo de uma filmagem feita pelos presidiários comemorando os resultados da rebelião.

Concentro-me nas relações significativas entre elementos de ambas as formulações. Começo, assim, minha compreensão remetendo-as ao interdiscurso a partir do procedimento de deslinearização da imagem (LAGAZZI, 2014, 2015). Primeiramente, inclino-me à imagem dos presidiários encarcerados que aqui se

<sup>4</sup> Os critérios de *noticiabilidade* seria esse “conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias” (WOLF, 1987, p. 173).

apresentam como uma coletividade, um aglomerado indistinto. Logo, remetendo-a à memória do sistema carcerário brasileiro, a imagem orienta a interpretação à precariedade do regime penitenciário que confina uma grande quantidade de pessoas em uma pequena cela, expostas a condições insalubres. Quando transformados em objeto de matérias jornalísticas, tais homens são, na maioria das vezes, colocados como pessoas indistintas, massa sem nomes, mormente membros de uma facção. Na imagem, apenas uma parte deles pode ser vista entre as grades: seus olhos e suas mãos.

Trata-se de corpos imobilizados e recortados pelo enquadramento da janela da cela. Pela fotografia que aqui coloco como primeira formulação visual, eles, os presidiários, podem ser vistos contidos, *domesticados*, tal como se coloca a interpretação pela noção convocada aqui, a de cena prototípica. A imagem, então, como uma espécie de molde ou padrão faz parecer familiar o que está em presença ali, e os sentidos, assim, aparentam estáveis.

A segunda cena, por sua vez, tem uma peculiaridade em sua própria condição de produção: refere-se a uma filmagem em que aquele que segura a câmera é o mesmo que comemora sobre a pilha de corpos mutilados. É que a segunda formulação visual parte de uma filmagem feita pelos próprios presidiários que festejam “a vitória” da chacina na morte dos membros da facção rival. A imagem materializa não mais a imobilidade de um aglomerado indistinto, mas corpos andantes, ao lado de cadáveres. Corpos em festa ao lado de corpos mortos. Há inteireza na presentificação desses corpos que passam de apenas objeto da notícia para, além de objeto, autor dela. Em ambas as formulações, porém, os elementos parecem ser os mesmos: o presídio, os presidiários, os demais membros de cela (ou facção?). Há, contudo, uma notável diferença na disposição deles, distinção que me faz, de imediato, perguntar pelo que está em jogo nessa relação. Como posso encarar a mudança nas relações que se estabelecem nas duas imagens? O que ocorre com a rede de sentidos exposta nessas formulações?

### **3. Estrutura → Deriva**

A noção pecheutiana de *efeito metafórico*, legado da AAD-69, nos é cara para a compreensão que aqui pretendemos. Ela traz consequências importantes para o entendimento da relação entre os elementos da cadeia significativa, posto que diga respeito “ao fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual”

(PÊCHEUX, 2014, p. 96), referindo-se a um deslizamento de sentido entre um termo *x* e *y* que é constitutivo do “sentido” designado por cada um deles. Por vezes, essa noção foi explorada em análises tanto da materialidade linguística (ORLANDI, 1996, 2012), quanto na análise de outras materialidades significantes (LAGAZZI, 2015).

Com relação ao efeito metafórico na língua, Orlandi aponta para a possibilidade de ocorrência de uma “mexida na repetição”, trazendo como um de seus exemplos o *slogan* do governo Lula “Brasil, um país de todos”, em que *todos* deriva para *tolos* em uma charge cujo enunciado era “Brasil, um país de tolos”. Assim, ela explica:

Ao produzir um deslizamento, uma mexida na repetição, provooco efeito sobre o sentido que estou produzindo e sobre aquele de que ele desliza. Se  $a \rightarrow b$ , então, em retorno, o deslizamento para *b* provoca um efeito também sobre *a*. No nosso exemplo “país de tolos” retorna sobre “país de todos”. Isso é historicidade, a maneira como se constituem os efeitos de sentido, no caso pela deriva, pelo efeito metafórico, uma mexida na rede de sentidos, uma filiação à memória (ORLANDI, 2012, p. 13).

Com relação às outras materialidades significantes, Lagazzi em sua análise de filmes, por exemplo, esclarece que o conceito de efeito metafórico, juntamente como o procedimento parafrástico, é importante por propor movimento à interpretação num exercício de reformulações, num jogo em que o procedimento parafrástico atualiza o efeito metafórico, “definindo limites de sentidos e dando visibilidade ao processo discursivo por meio de regularidades que vão localizando recortes na memória do dizer, especificando as formações discursivas e as posições de sujeito em jogo” (LAGAZZI, 2015, p. 181).

Penso, a partir disso, nas regularidades das referidas formulações visuais e percebo o jogo entre aqueles que, num primeiro gesto de análise, imputo serem os mesmos elementos: o ambiente do presídio, os detentos, a coletividade carcerária. Responsável por dar “movimento” à superfície linguística, o efeito metafórico faz perceber esse deslocamento entre tais elementos apontando para o processo de produção do discurso que aqui contribui para responder as questões que fiz anteriormente em torno das relações nas imagens. Voltemos, assim, à primeira imagem.

A posição sujeito jornalística toma o presidiário enquanto referente, objeto de notícia, e remete o intradiscurso ao interdiscurso apontando para os sentidos imobilizados de que, naquele lugar, a lei estaria sendo cumprida. Encarcerado,



aparentemente inofensivo para a sociedade, o homem cumpre sua sentença no espaço social predeterminado pelo Estado. O presidiário seria, então, subproduto da justiça. A cena aciona a memória do sistema prisional brasileiro, produzindo um efeito de pré-construído que trabalha a evidência de que o sujeito cometeu algum crime para estar naquele lugar. Negam-se as contradições, homogeneizam-se os diferentes casos e delitos, apagam-se as contingências. Por outro lado, enquanto autor<sup>5</sup> da notícia, o próprio presidiário se coloca como o selecionador dos fatos. É o que ocorre na segunda formulação visual. O presidiário antes objeto da notícia é deslocado momentaneamente para uma posição em que, de posse de uma câmera, se apropria de um modo específico de formular o dito/o visto, partindo para a seleção dos elementos a serem filmados. Descolando-se para outro lugar, um em que ele é duplamente atuante, o sujeito elabora a textualização do acontecimento rebelião e o torna público, apontando para a memória do fazer jornalístico. Em consequência disso, ele eleva-se a uma posição de destaque para os de sua facção, distingue-se enquanto autor do extermínio de seus inimigos. Na textualização da chacina, ele textualiza a si próprio diante de um grupo.

O deslizamento de sentidos que aqui se coloca expõe a interpretação às formulações midiáticas, e desloca os *sentidos* de “justiça”. Justiça sendo feita para a facção daquele que filma, justiça sendo feita pelo julgamento de alguns que assistem àquela notícia; injustiça para alguns parentes das vítimas, injustiça para os da facção rival. Destruturações-reestruturações diversas que apontam para “a possibilidade em aberto, realizada ou realizável, no simples fato de um discurso ter existência.” (ZOPPI-FONTANA, 2009, p. 135). Palavras, gestos e reações que não significam por si mesmos.

Os trabalhos aqui mencionados mostram que a formulação visual pode se deslocar discursivamente para derivar outra formulação visual. Em seu domínio próprio de uma *materialidade significativa* específica, percebo que o deslocamento do elemento  $a \rightarrow b$ , aqui pode ser pensado como o deslocamento do elemento “presidiário” que da posição de *estático*, indistinto, homogeneizado, desliza para outro estado, o de um presidiário *atuante*, caracterizado pela bandeira de sua facção criminosa. Há uma substituição contextual, da cela para o pátio, de imobilidade para mobilidade, e, ainda a partir da compreensão de *deriva* já mencionada, posso

---

<sup>5</sup> Tomamos a câmera como elemento textualizador da cena e aquele que filma como autor nos termos de Orlandi (2008, p. 93) “É ao autor, enquanto função-sujeito, que cabe a representação de que ele começa e termina o seu texto. Incompletude do sujeito, vocação totalizante do autor”.

perceber que a relação aqui também é constitutiva, ou seja, *b* também produz efeitos sobre *a*: corpos atuantes que produzem sentidos sobre corpos imobilizados e indistinguíveis, *mexendo* com a rede de sentidos. O “presidiário-agente” retorna sobre o “presidiário-domesticado”, apontando para a potência que esse sujeito tem de desestabilizar as redes de sentidos no âmbito do Aparelho Repressor do Estado que é o presídio, lugar reservado para a (re)produção de corpos dóceis<sup>6</sup>. Esse é um ponto em que as evidências semânticas do que é ‘ser presidiário’ se desmancham, “[...] pontos de derivas possíveis, oferecendo lugar à interpretação” (PÊCHEUX, 2012a, p. 53).

A indistinção entre os presidiários na primeira formulação visual dá lugar a certo destacamento na segunda formulação, o que faz pensar sobre o lugar da coletividade nessa relação. O coletivo seria esse elemento que faz direcionar os sentidos nas imagens, justificando a ação como parte de um imaginário próprio de um grupo que abraça a violência. Os integrantes da facção que provocaram a rebelião não destruíram as câmeras, como um gesto que se ampara na necessidade de serem vistos agindo agressivamente. O rosto encoberto pela camisa dá lugar à face descoberta. A ordem social da facção exige uma autoria para a morte. E se há ordem, há sistematicidades e, com isso, invariavelmente, equívocos.

O gesto que acabo de descrever pode ser considerado como uma forma de inscrição no social, fazendo o sujeito construir identificações no nível do imaginário. A tentativa de adquirir espaço no ordenamento de sua facção (não por acaso temos o epíteto “organização criminosa”) se opõe à própria desordem da morte. Lembremos G. Bataille (1987) quando se refere às sociedades modernas ocidentais regidas pela razão sob a atividade do trabalho, fundamental para o reconhecimento do ser enquanto sujeito. Ele vai explicar que “o homem, identificando-se com a ordenação que operava o trabalho, separou-se nessas condições da violência, que agia em sentido contrário” (p.30). Enquanto desordem, a morte, uma das formas mais potentes de ultrapassar o sujeito, deveria ser interdita no mundo do trabalho.

Ao fazer parte de uma facção criminosa, esse sujeito deve lidar com as leis de sua comunidade de forma a mostrar fidelidade e assim destacar-se no grupo, exhibir-se, de ser referência, produzindo uma inscrição diferenciada nessa comunidade e,

---

<sup>6</sup> Faço menção à docilidade sobre a qual nos fala M. Foucault (1987). Para ele, corpos dóceis são produtos das *disciplinas*, métodos “que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (p. 118). Faço isso sem deixar de promover o devido deslocamento epistemológico que, no âmbito da AD, não irá pensar nem em um afrontamento entre os sujeitos, nem numa ideologia dominante que suplanta uma ideologia dominada, ao invés disso, a categoria da contradição toma o seu lugar, pensando numa dominação que “se manifesta na própria organização interna da ideologia dominada” (PÊCHEUX, 2011, p. 189).



consequentemente, no social. O interdito da morte, sobre o qual nos fala Bataille, é transgredido nessa comunidade que, sob a lógica de guerra, se opõe à outra comunidade, a facção rival. Disso resulta uma contradição em potencial: o desejo de matar, o transbordamento da violência, questiona a pretensa organização da comunidade; o cadáver, signo da violência, não mais é motivo de horror, mas um troféu, referência direta à uma violência “organizada”.

Reitero o fato de que a deriva que se coloca aí traz uma profunda cisão de sentidos. Se retomo o que procurei mostrar a respeito de deriva tanto em Léon e Pêcheux, a deriva enquanto variação lexical entre sequências de estruturas sintáticas fixas, ou em AAD-69, com espécie de sinônimo de um efeito metafórico, posso fazer a devida transposição para a análise da materialidade imagética, sempre pensando em termos de relações. Entre os deslocamentos possíveis, há variação de elementos da imagem entre formulações de estruturas fixas. Há o que se mantém (presidiário-prisão) e o que varia (presidiário imóvel → presidiário atuante/ presidiário indistinto → presidiário membro da facção). Percebo uma peculiaridade no deslocamento desse elemento significante, por isso, sou levada a acreditar que a análise demonstra um movimento não alheio à especificidade da materialidade significante, o que me faz considerar a deriva em questão uma deriva imagética. Transferência, deslizamento de sentidos notados a partir de um reagrupamento parafrástico demandado pela própria formulação visual em relação à história.

#### **4. Sentidos → Sentimentos**

Os deslocamentos dos elementos na cadeia significante fazem movimentar o *sentido*. Nesse ponto, refiro-me àquela acepção de sentido mencionada no início do texto: efeito de sentir, reações, sensações, impressões que faz movimentar o que pode ser considerado justo ou não, bom ou não, feliz ou não. A começar por minhas próprias impressões enquanto telespectadora da notícia da chacina. Mobilizada, procurei refletir sobre esses outros movimentos, outras reações, a partir de outros sujeitos na posição expectador da notícia. Não se trata, é sempre bom lembrar, de uma perspectiva biopsicossocial, mas de um gesto de interpretação que direciona a certas possibilidades do sujeito na linguagem.

E quando me refiro aos “sentimentos de injustiça”, Judith Shklar (1990) aparece como um referente importante. Para ela, trata-se de um sentimento eminentemente político, vinculado à ascensão da sociedade democrática. Mesmo em

uma sociedade onde a igualdade é valorizada, afirma ela, o processo de (des)favorecimento social entre os sujeitos cria um campo de ressentimentos, de sentimentos de injustiça que, do meu lugar teórico, se coloca como um gesto do sujeito no social, uma ação no nível simbólico. São aparentes “estados de espírito” que vão além de sentinos abstratos, antes são efeitos de sentidos vinculados a práticas de existência. Novamente retomo Orlandi (2012, p. 89) quando afirma que tais estados “são produções [...] E, por seu lado, [...] não escapa à significação dos modos de nos significarmos face a nossas necessidades enquanto seres simbólicos e históricos”.

Refiro-me ao que é sentido, então, como um ideal que evidencia uma sensibilidade originária, efeito de um sentimento legítimo, espécie de revolta que parte da noção que se tem sobre o que é ser um sujeito em seus direitos convivendo em sociedade. Teatro que parte da ilusão do sujeito, “que o coloca como centro de decisão, camufla a força coercitiva do senso comum e sustenta as relações de poder entre as pessoas, fazendo o sujeito acreditar na autonomia de sua vontade” (LAGAZZI, 1988, p. 46).

Os comentários dos internautas postados ao final de uma das reportagens sobre a chacina<sup>7</sup>, trazidos a seguir, reforçam o que foi colocado em pauta até agora. Tanto a animalização do humano, percebido pelas mais diferentes reações de internautas, quanto o discurso que trabalha para humanizar o sujeito presidiário – quando os órgãos em prol dos direitos humanos são compelidos a manifestarem-se publicamente diante de tais acontecimentos que põe em risco tantas vidas – trabalham paradoxalmente para o apagamento da contradição própria à nossa formação social. Vejamos a seguir.

---

<sup>7</sup> LIFSITCH, **Andrezza**; HENRIQUES, **Camila**; ALVES, **Jamile**. **Conheça interior de presidio onde ocorreu massacre com 56 mortes.** 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2017/01/conheca-interior-de-presidio-onde-ocorreu-massacre-com-56-mortes.html>. Acesso em: 20 de abril de 2017.

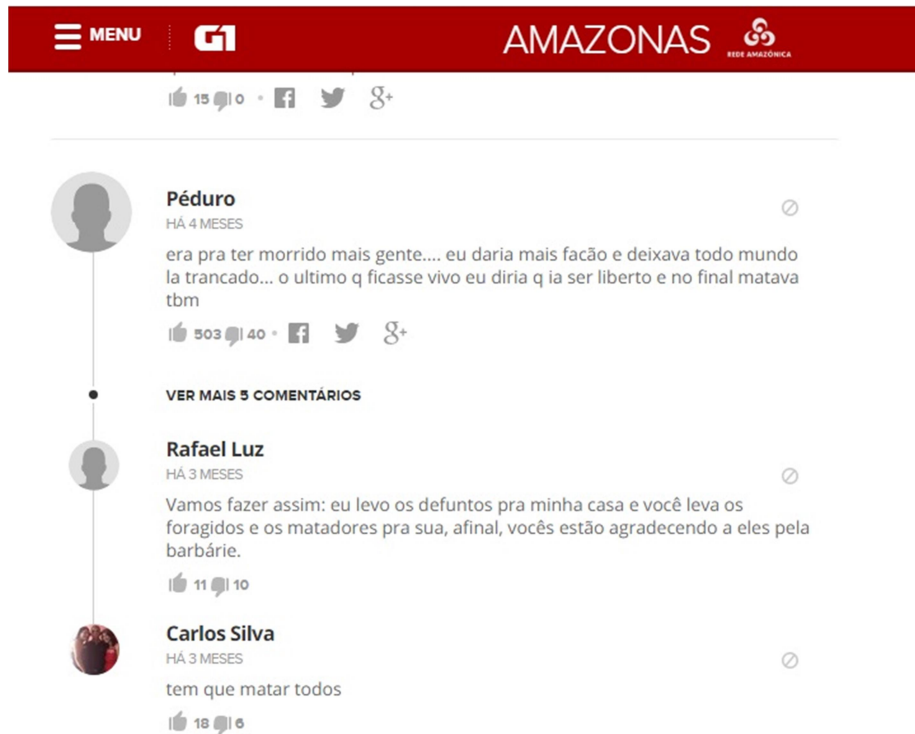


Figura 3- Comentário de internautas. Acesso em: 20 de abril de 2017

Essa “coisa” chamada justiça e essa outra “coisa” chamada liberdade, às quais os homens se referem de maneiras tão distintas e ao mesmo tempo sob modalidades contraditórias relacionadas aos antagonismos de classes, como aponta Pêcheex (2011), conduzem a pensar no caráter regional e no caráter de classe das formações ideológicas. Como nos mostra Pêcheux, é “na modalidade pela qual se designa (pela fala ou pela escrita) essas ‘coisas’, a cada vez ‘idênticas’ e divididas, que se especifica aquilo que se pode, sem inconvenientes, chamar de ‘formação discursiva’” (p. 190). E posso acrescentar outros modos de designar o mesmo e o dividido de tais “coisas”: pelo não-verbal, pelo gesto, pela imagem. Modos de (res)significar sentidos e sentimentos.

## Referências

- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LAGAZZI, S.M.. Paráfrases da Imagem e Cenas Prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: Giovanna Flores; Nádia Neckel; Solange Gallo. (Org.). **Análise de**

- Discurso em Rede: Cultura e Mídia.** 1 ed. Campinas: Pontes, 2015, v. 1, p. 177-189.
- LAGAZZI, S.M.. Paráfrases da Imagem e Cenas Prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: Giovanna Flores; Nádia Neckel; Solange Gallo. (Org.). **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia.** 1ed.Campinas: Pontes, 2015, v. 1, p. 177-189.
- LAGAZZI, Suzy. Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3. In: LAGAZZI, Suzy; ROMUALDO, Edson; TASSO, Ismara. **Estudos do texto e do discurso: o discurso em contrapontos – Foucault, Maingueneau, Pêcheux.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 311-332.
- LAGAZZI, Suzy. Linha de Passe: a materialidade significativa em análise. **RUA**[online]. Portal Labeurb, 2010, n. 16. v. 2.p. 172 – 182.
- LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não.** Campinas: Pontes, 1988.
- LAGAZZI, Suzy. O recorte significativa da memória. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M.C.; MITTMANN, S. (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras.** São Carlos: Claraluz. 2009. p. 57-67.
- LAGAZZI, Suzy. Quando os espaços se fecham para o equívoco. In: **RUA** [online]. 2014, Edição Especial. Portal Labeurb, 2014, p. 155-166.
- LÉON, J. & PÊCHEUX, M. Análise Sintática e Paráfrase Discursiva. In: **Análise de Discurso: Michel Pêcheux.** Campinas: Pontes, [1982] 2012 . p.163-173.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos.** 3. ed. São Paulo: Pontes, 2008.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso em análise: sujeitos, sentido, ideologia.** Campinas: Pontes Editores, 2012.
- ORLANDI, Eni P. Políticas Institucionais: a Interpretação da delinquência. **Bolema,** Rio Claro, v. 23, n. 36, p. 625-638, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2912/291221905004.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2014.
- ORLANDI, Eni P. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do sujeito. In: CARROZZA, Guiherme; SANTOS, Miriam; SILVA, Telma Domingues (Org). **Sujeito, Sociedade, Sentidos.** Campinas: Editora RG, 2012.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso.** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014. p.61-161.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Tradução de Eni P. Orlandi. 6. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, [1988] 2012a.

- PÊCHEUX, Michel. Remontemos de Foucault à Spinoza. **Análise de Discurso:** Apontamentos para uma história da noção–conceito de formação discursiva. 2 ed. revisada e ampliada São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, [1975] 2009.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1987.
- ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. O acontecimento do discurso na contingência da história. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange. (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade:** materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 133-146.

Artigo recebido em: 14/10/2017

Aprovação final: 07/06/2018